

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

Atena
Editora

Ano 2020

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 2 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-663-8

DOI 10.22533/at.ed.638200812

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. II**, coletânea de dezoito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse segundo volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários e estudos em música.

Estudos literários, com onze contribuições, traz análises sobre Bruno de Menezes, Clarice Lispector e Mário de Andrade, lírica na sala de aula, imigração e identidade japonesa e semiótica greimasiana. Além desses conteúdos, temos Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, José Régio, Jorge de Sena, Ruy Duarte de Carvalho e Jorge Barbosa.

Em estudos em música, com sete capítulos, são verificados estudos que versam sobre Villa-Lobos, Cornélio Pires, Mozart, a partir do seu concerto para piano. Além desses relevantes conteúdos, temos considerações sobre a prática coral, a musicoterapia e o kpop.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BRUNO DE MENEZES: VIVÊNCIAS E POÉTICAS	
Lorena Cácia de Jesus dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6382008121	
CAPÍTULO 2	14
O EMPODERAMENTO DAS MULHERES NOS ROMANCES DE CLARICE LISPECTOR	
Luana Munhoz Soriano Kubis Specht	
Rodrigo Augusto Kovalski	
DOI 10.22533/at.ed.6382008122	
CAPÍTULO 3	29
MÁRIO DE ANDRADE, INTÉRPRETE DO BRASIL: FICCIONALIZAÇÃO DO CANTADOR NORDESTINO	
Suéilton de Oliveira Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6382008123	
CAPÍTULO 4	40
ESTUDOS COMPARADOS: INCURSÕES DA POESIA LÍRICA EM SALA DE AULA	
Amanda Ramalho de Freitas Brito	
DOI 10.22533/at.ed.6382008124	
CAPÍTULO 5	50
HARU ET NATSU CARTAS PERDIDAS: IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE JAPONESA NO BRASIL	
Teresa Rinaldi	
DOI 10.22533/at.ed.6382008125	
CAPÍTULO 6	64
OS SENTIDOS DO CONTO “DIANTE DA LEI” NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA	
Karin Elizabeth Rees de Azevedo	
Cícero Freud Lacerda Leite	
DOI 10.22533/at.ed.6382008126	
CAPÍTULO 7	77
CARTA DE SÁ-CARNEIRO A PESSOA: A INSCRIÇÃO DO EU NO DISCURSO	
Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes	
Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.6382008127	
CAPÍTULO 8	92
LITERATURA E CINEMA: ENTRE O DESEJO DO INDIZÍVEL E A SEDUÇÃO DA	

IMAGEM EM VERGÍLIO FERREIRA

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes

DOI 10.22533/at.ed.6382008128

CAPÍTULO 9..... 101

O MITO DE NARCISO REVISITADO POR JOSÉ RÉGIO E JORGE DE SENA

Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.6382008129

CAPÍTULO 10..... 111

REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA EM LAVRA DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

DOI 10.22533/at.ed.63820081210

CAPÍTULO 11..... 122

O PAPEL DA SECA E DA PESCA DA BALEIA NA EMIGRAÇÃO CABO-VERDIANA PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

DOI 10.22533/at.ed.63820081211

CAPÍTULO 12..... 129

ATRAVESSANDO O SAMBA DO “ESTADO NOVO”: OUTROS CARNAVAIS

Adalberto Paranhos

DOI 10.22533/at.ed.63820081212

CAPÍTULO 13..... 143

O “SELO VERMELHO” DE CORNÉLIO PIRES: UMA PROPOSTA DE CATALOGAÇÃO

Carlos da Veiga Feitoza

DOI 10.22533/at.ed.63820081213

CAPÍTULO 14..... 160

ANÁLISE CRÍTICA DO CONCERTO PARA PIANO EM DÓ MENOR KV 491 DE W. A. MOZART

Angélica María Sánchez Bonilla

DOI 10.22533/at.ed.63820081214

CAPÍTULO 15..... 176

O BINÔMIO PENSAMENTO-INTELIGÊNCIA NAS NEUROCIÊNCIAS PASSANDO PELA TEORIA DA INTELIGÊNCIA MULTIFOCAL: UM PEQUENO CASO DE PRÁTICA CORAL

Edson Hansen Sant'Ana

DOI 10.22533/at.ed.63820081215

CAPÍTULO 16.....	211
“A MÚSICA NUNCA PAROU”: PASSAGENS ENTRE ENSAIO, OBRA FÍLMICA E MUSICOTERAPIA	
Ana Maria de Barros	
Ana Maria Martins Alves Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.63820081216	
CAPÍTULO 17.....	225
O QUE CANTAM AS MULHERES EM TRATAMENTO DE INFERTILIDADE ACOMPANHADAS EM MUSICOTERAPIA?	
Eliamar Aparcida de Barros Fleury	
Mário Silva Approbato	
Maria Alves Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.63820081217	
CAPÍTULO 18.....	233
ENTENDENDO KPOP: PADRÕES MUSICAIS A PARTIR DO MODELO BENNETT	
Helena Spiassi Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63820081218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	238
ÍNDICE REMISSIVO.....	240

CAPÍTULO 3

MÁRIO DE ANDRADE, INTÉRPRETE DO BRASIL: FICCIONALIZAÇÃO DO CANTADOR NORDESTINO

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 23/11/2020

Suéilton de Oliveira Silva Filho

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Curitiba – PR

<http://lattes.cnpq.br/4821835082035144>

RESUMO: Em 10 de janeiro de 1929, Mário de Andrade iniciou um de seus relatos de viagem falando de um cantador na execução performática de seus cocos. “Boi tungão”, a melodia criada pelo artista nordestino e apresentada ao viajante, possuía, segundo este, “valor artístico e social sublimes” (ANDRADE, 1983, p. 273), fazendo com que ele viesse a afirmar estar divinizado por uma das comoções mais formidáveis de sua vida. Neste trabalho nos propomos a observar a presença desse cantador, de nome Chico Antônio, na obra do escritor paulista. Para tal, empreendemos leituras e análise comparativa entre textos de diferentes naturezas. Como ponto de partida temos **O turista aprendiz**, livro de relatos de viagens, que é comparado com as narrativas ficcionais **Café** e **Vida do cantador**. Embora o convívio entre os dois artistas tenha sido bem curto e eles tenham se despedido no dia 12 de janeiro do mesmo ano, a arte popular de Chico Antônio contribuiu não apenas para futuras inspirações literárias de Mário, como também para o apontamento de canções que auxiliariam no projeto de elaboração da sua obra sobre folclore e cultura popular brasileira **Na**

pancada do ganzá, projeto este não finalizado, embora com partes publicadas após organização feita por Oneyda Alvarenga.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Relatos de viagem; Cultura popular; Mário de Andrade; Chico Antônio.

MÁRIO DE ANDRADE, INTERPRETER OF BRAZIL: FICTIONALIZATION OF THE NORTHEASTERN FOLKSINGER

ABSTRACT: On January 10, 1929, Mário de Andrade started one of his travel stories talking about a singer in the performance of his cocos. “Boi tungão”, the melody created by the Northeastern artist and presented to the traveler, had, according to him, “sublime artistic and social value” (ANDRADE, 1983, p. 273), causing him to claim it was of the the most formidable commotions of his life. In this work we propose to observe the presence of this folksinger, named Chico Antônio, in the work of the paulista writer. To this end, we undertake readings and comparative analysis between texts of different natures. As a starting point we have **O Turista Aprendiz**, a book of travel stories, which is compared with the fictional narratives **Café** e **Vida do Cantador**. Although the interaction between the two artists was very short and they said goodbye on January 12 of the same year, Chico Antônio’s popular art contributed not only to Mário’s future literary inspirations, but also for pointing out songs that would assist in the project to elaborate his work **Na Pancada do Ganzá** on folklore and Brazilian popular culture, a project that was not finalized, although with parts published after organization

by Oneyda Alvarenga.

KEYWORDS: Literature; Travel reports; Popular culture; Mário de Andrade; Chico Antônio.

INTRODUÇÃO

Em meados de 1929, ano de regresso da viagem etnográfica de Mário de Andrade ao Nordeste brasileiro, o escritor de *Macunaíma* começou a projetar um novo romance que, segundo acreditava, figuraria como uma das suas obras mais notáveis. Valendo-se de experiências adquiridas nas viagens de *turista aprendiz*, assim como motivado pelo cenário econômico da época, reorganizou algumas ideias que vinha desenvolvendo desde 1924 – em esboços para a redação de seu romance inacabado **Vento** – e iniciou a redação de **Café**. Abdicando da linguagem utilizada na primeira fase do modernismo (principalmente em uma das muitas retomadas de escritura do romance, em 1942), por julgar ter adquirido ainda mais maturidade – como revelou em carta a Moacir Werneck ao afirmar saber “sem vaidade, que [atingi] um amadurecimento muito harmonioso... [de mim]. ‘[De mim]’ quer dizer de um artista temporário, com uma incapacidade estranha de se realizar enquanto promete” (ANDRADE, 1989, p. 187) –, o escritor pretendia construir uma narrativa com notável carga psicológica, ainda mais humana – como no caso dos escritos presentes em **Contos de Belazarte** e **Amar, verbo intransitivo**, por exemplo. O personagem central de **Café**, um cantador que desembarca na estação ferroviária de São Paulo, vindo do Nordeste, atendia pelo nome de Chico Antônio – assim como o coqueiro que o viajante paulista conheceu em um dos engenhos visitados no ano de 1929, e que, antes de se tornar personagem fictício, foi noticiado nas crônicas redigidas pelo próprio Mário – e, junto com outros brasileiros e imigrantes, contribuiu para a formação populacional daquela grande cidade.

Com o intuito de testar a eficácia criativa da obra, em 13 de julho de 1929 – um mês após o início da redação do romance – escreveu para Manuel Bandeira relatando ter perambulado pela cidade em “noite de sábado”, se misturando a nordestinos e imigrantes, assim como o seu personagem principal na primeira parte da narrativa. Quase um ano depois, em abril de 1930, publica excertos da narrativa em duas revistas cariocas: “Dois sírios, ‘Fragmento do romance **Café**’, sai na *Ilustração Brasileira* (a. 11, nº 116), e A negrada ‘(do romance **Café**)’, em *Movimento Brasileiro* (a. 2, nº 16)”, como nos informa Tatiana Longo Figueiredo (FIGUEIREDO, apud ANDRADE, 2015, l. 173). Os fragmentos tiveram ótima recepção e **Café** passou a figurar na lista de “obras em preparo” – como no caso do livro de poemas **Remate de Males**, lançado em novembro de 1930, que já apresentava esta informação. Por motivos diversos – seja bloqueio criativo, acontecimentos infaustos no cenário

mundial, ou principalmente os diversos afazeres pessoais –, porém, o polígrafo não conseguiu dar continuidade à redação de seu romance e temia não conseguir finalizá-lo. As diversas cobranças, principalmente de amigos, fizeram com que ele retomasse a escritura em momentos distintos, mas ainda assim acreditando que o grau de exigência da narrativa estava acima de suas possibilidades, e isso o levou a pensar que ela não despontaria. Assim que, no ano de 1943, focando apenas no personagem central da narrativa e fazendo uso de informações já divulgadas em crônicas de **O turista aprendiz**, o escritor passou a elaborar um projeto menos ambicioso e, a partir da “fusão” das duas obras – **Café** e **O turista aprendiz** –, nasceu “Vida do cantador”, conto publicado em seis lições, entre agosto e setembro desse mesmo ano, na coluna Mundo Musical – assinada pelo escritor no jornal **Folha da Manhã**, em São Paulo. Após a publicação do conto, Mário seguiu divulgando escritos de cunho etnográfico que auxiliavam numa maior compreensão do texto ficcional. No ano anterior, em 1942, também produziu a ópera **Café**, como revelado em carta a Carlos Drummond de Andrade:

Eu queria que você me fizesse o favor de ler o *Café* (poema coral em três atos e cinco quadros) que acabou explodindo enfim.

As primeiras ideias disso me vieram por 33 ou 34, que eu andava preocupado com o problema do teatro cantado e da ópera. Todo o grande teatro social da Antiguidade, das grandes civilizações asiáticas, do Cristianismo religioso, e todo o teatro folclórico, realmente do povo, sempre foi cantado [...] Então me veio a ideia vaga de um drama cantado mais diretamente baseado nas forças da vida coletiva e como então andava escrevendo o meu ex-romance *Café*, me lembrei do mesmo *Café* como base, mas com assunto que nada tem a ver com o romance. (ANDRADE, 2002, p. 485-6)

Em fevereiro de 1945 Mário de Andrade faleceu sem conseguir concluir aquela que, segundo acreditava, figuraria como sua obra-prima. Das cinco partes planejadas, conseguiu finalizar as duas primeiras – tendo a primeira parte, “A noite de sábado”, três versões (sendo a última, definitiva). A partir das pesquisas empreendidas por Tatiana Longo Figueiredo, sob a orientação de Telê Ancona Lopes, tais partes foram publicadas no ano de 2015 (pela editora Nova Fronteira) recebendo o título de “**Café: romance inédito**”.

DISCUSSÃO

Na segunda parte de sua excursão pelo Brasil, desta vez pela região Nordeste do país, Mário de Andrade conheceu um artista popular cuja execução performática muito o impressionou. Chico Antônio, seu nome, era um cantador de cocos e, embora muitas das canções apresentadas não fossem de autoria própria,

a capacidade inventiva do coqueiro era tamanha a ponto de, na arte do improviso, ele conseguir dar roupagens novas àquilo que cantava. A qualidade artística do cantador foi largamente elogiada, sob inúmeros aspectos, em crônicas publicadas posteriormente n'**O turista aprendiz**. Além de tais crônicas, temos acesso ainda a uma fotografia tirada pelo próprio Mário, em janeiro de 1929, no engenho onde teve a oportunidade de conhecer Chico Antônio, “Bom Jardim”. Na imagem, Chico Antônio aparecia ao lado de um acompanhador, como informava a legenda redigida pelo próprio Mário. A diferença de estatura entre os dois era significativa, uma vez que o acompanhador – também adulto – conseguia atingir apenas a altura do ombro do primeiro. Embora possa parecer uma informação irrelevante, tal dado muito impressionou o escritor, como podemos constatar no excerto presente em **Café** e no conto “Vida do cantador”: “Chico Antônio, da altura invulgar que tinha pra indivíduo nordestino...” (ANDRADE, 1993/2015, p. 36/ l. 716)¹. Podemos constatar, desta forma, que ao transformar o cantador em personagem fictício, Mário de Andrade manteve esta peculiaridade da figura de Chico Antônio.

Pela intensificação das discussões de gênero, muito se tem falado sobre a sexualidade de Mário de Andrade. No ano de 2015, o grande público teve acesso a uma carta escrita em abril de 1928, ao amigo Manuel Bandeira. Nela, Mário se queixava das especulações feitas pela sociedade sobre sua possível homossexualidade – na época, encarada como um desvio de conduta – e, além de não desmentir as especulações, sugeriu manter esta especificidade sob controle. Julgamos relevante trazer este tema à discussão uma vez que pode ser útil no direcionamento da nossa argumentação. Retornando ao ano de 1926, quando Mário escreveu o conto “Túmulo, túmulo, túmulo” – publicado posteriormente no livro **Os contos de Belazarte** –, podemos constatar certa tensão sexual entre Belazarte, personagem que nos relata diversas histórias, e o seu criado Ellis. Além das várias atenções que dirige à beleza do criado, em certo ponto da narrativa afirma que “Desta vez amor não se uniu com amizade: o amor foi pra Dora, a amizade pra mim. Natural que o Ellis procedesse dessa forma, sendo um frouxo.” (ANDRADE, 2013, L. 1398). Voltando nossa análise à figura de Chico Antônio, é interessante notar as observações que o narrador faz sobre a disposição da vestimenta no corpo do nordestino: “mas a roupa era apertada de nascença, e se alisava nas ondas da musculatura, indicando o corpo de boa proteção.” (ANDRADE, 2015, L. 716). Já em 1943, data da publicação do conto “Vida do cantador”, o narrador nos fornece informações sobre o sucesso que o coqueiro fazia com as mulheres da região. Em troca dos carinhos que se dispunham a buscar na rede de Chico Antônio, lhe

¹ Ao invés de livro físico, adquirimos o romance **Café** em formato digital para leitor Kindle. Assim que, tal plataforma não traz informações sobre números de páginas, uma vez que o texto é organizado por “localização”. Desta forma, “L.” significa a localização para encontrar o excerto/citação no leitor digital. Da mesma maneira procederemos com **Os contos de Belazarte**.

retribuíam os “favores” com presentes diversos, sendo que – segundo o narrador – eram elas que verdadeiramente ganhavam presentes, devido à qualidade de tais favores prestados. Em sequência, afirma que o cantador passou a aparecer “nos batuques dos sábados, não mais com a antiga toalha de rosto com que enfeitava o pescoço, mas com o lindo lenço de seda encarnada ‘parecendo um Pastoril’.” (ANDRADE, 1993, p. 40), o que nos sugere que tenha ganhado o lenço em questão como presente do amigo do Sul, posto ser ele quem estava usando uma gravata com as mesmas características ainda na primeira lição, quando o cantador “se despedindo do amigo, de tudo o que era dele, dos óculos e até daquela ‘gravata encarnada que era mesmo um Pastoril’.” (ANDRADE, 1993, p. 39). Esta proposição é intensificada quando o narrador afirma que Chico Antônio “Jamais confiara a ninguém quem lhe dera o lenço, uma pessoa que não se diz, não exigindo pagamento porque era impossível.” (ANDRADE, 1993, p. 40). Juntando todas estas informações, temos que: primeiro, o cantador era tão atraente que chegava a receber regalos em troca de favores sexuais prestados às mulheres da região; depois, aparece com um lenço que apresenta as mesmas características da gravata que o amigo do Sul utilizava em sua despedida; jamais revelara de quem havia recebido tal prenda, embora o narrador nos assegure ser impossível o “pagamento” pela lembrança – o que reforça que tenha realmente ganhado o lenço do amigo, visto ter dado seu ganzá² no último encontro, como nos relata o narrador no encerramento da primeira lição.

Construção parecida, de afetividade entre indivíduos do mesmo sexo, vemos na primeira parte do romance **Café**, “A noite de sábado”. Desembarcando na estação ferroviária de São Paulo, Chico Antônio é recepcionado por seu pai de criação, seu João, que o leva para passar a noite na pousada de um amigo – no dia seguinte os dois seguiriam para a fazenda Santa Eulália, onde seu João vivia com a família. Seu Nedim, dono da hospedaria, é apresentado na narrativa como um sírio bastante desconfiado que enxergava em todo mundo um potencial traidor. Pelo fato de seu João querer dar uma volta, no intuito de apresentar mais da cidade grande a Chico Antônio, seu Nedim arruma um jeito de que Jorge, rapaz sírio de sua confiança, acompanhe os dois, acreditando nesse “conhecimento instintivo que nós temos de que o número três desintegra a força humana dos conluios” (ANDRADE, 2015, L. 1483). Acontece que, ao se conhecerem, Chico Antônio e Jorge sentem uma identificação imediata. “Tinham se reconhecido da mesma espécie. Eram moços e ficaram companheiros íntimos porque podiam tomar muitas liberdades um com o outro, e se falar muitas coisas secretas.” (ANDRADE, 2015, L. 1531). Em determinado momento do passeio, seu João passa a figurar como parte excedente, quase avulsa, já que, quando falava, “Jorge respondia mal. As frases que tinha eram pra Chico Antônio, porém poucas, porque unidos numa intimidade muito suave, os

2 Instrumento musical utilizado pelo coqueiro.

dois já tinham muito rara coisa a se falar.” (ANDRADE 2015, L. 1531). Além de seu João, havia ainda a multidão que, os seccionando um do outro, interrompia o prazer sentido por eles em caminhar lado a lado. No entanto, é também essa multidão a possibilitar “Num momento em que a precisão de abrir caminho os uniu por demais, as mãos deles se roçaram. Então deram-se as mãos, como é tanto costume entre sírios.” iniciando, desta forma “um diálogo de mãos em que puderam finalmente se dizer as melhores verdades.” (ANDRADE, 2015, l. 1554). O narrador coloca ainda que os dois:

Avançavam felizes, no dualismo conquistado, porque não tem nada capaz de fundir melhor corpo e espírito, e nos dar o gosto do ser integral, que a presença dum companheiro íntimo. O homem sozinho raramente chega a ser completo porque a unidade entrega demais a gente a essa contradição naturalmente monstruosa que é o ser racional. O indivíduo se perde no fio do pensamento, meio que abandona o corpo, e a integridade se desequilibra. Também os momentos de vida social nos fazem perder muito de nós mesmos, quer pelo excesso de presença física que organiza o prazer coletivo, quer pelas circunstâncias violentamente individualistas de luta e competência. O homem só fica inteiro, só fica bem equilibrado, na intimidade de mais um. Intimidade que é puro engano a gente imaginar exija conhecimento firme, convivência longa e até amizade. Pra maioria isso não é necessário. Por um poder invisível de simpatia ou coincidência momentânea de destino, ideal, desejo, ofício, às vezes a gente fica íntimo dum ser ignorado faz pouco, mas, acima de igual, nosso idêntico. Essa era a intimidade em que estavam Jorge e Chico Antônio: uma congruência momentânea, auxiliada no último pela despersonalização contínua que o tornava aceitador de tudo e todos, em Jorge por causa da simpatia sentida pelo outro, tornando o sírio amoldável e identificador. (ANDRADE, 2015, L. 1554)

Os jovens rapazes seguem compartilhando esta intimidade, como seres completos, até cruzarem com uma moça muito bonita que acaba desvirtuando o afeto desinteressado – sem razões práticas – para a sexualidade. Os olhares masculinos então se dirigem às pernas da donzela, Jorge aperta firme a mão de Chico Antônio que se põe “indiscretamente excitado (...) numa aspiração violenta.” (ANDRADE, 2015, L. 1554). Como homem pertencente ao seu tempo, não seria de se esperar que Mário de Andrade fosse mais explícito do que foi no exemplo citado – não podemos sequer afirmar que ele tivesse pretensão de relatar um envolvimento “sexo-afetivo” entre indivíduos do mesmo gênero, visto que tal prática não era encarada como um evento natural. No entanto, fazendo uso dum personagem vindo do Oriente Médio ainda em processo de assimilação dos costumes locais, consegue tensionar certo tipo de intimidade entre dois homens atraentes – como o narrador faz questão de destacar – mesmo afirmando ser uma prática desinteressada, apenas “identificação de espírito” e não uma atração que só poderia ser justificada quando

direcionada ao sexo oposto. É assim em “Túmulo, túmulo, túmulo”, em **Café**, como também em “Vida do cantador”, em que atenção similar ocorre entre o coqueiro e seu amigo do Sul.

Falando em “Vida do cantador”, é interessante apontar que embora causasse delírio nas mulheres dos estados por onde passava, Chico Antônio em determinado momento se vê fascinado por Isabel, moça que, diferente das demais, “não carinhava sem casar.” (ANDRADE, 1993, p. 40). Este posicionamento firme fez com que o cantador logo se convertesse em seu refém. Primeiro, abandonando o caráter itinerante e passando a ficar pelo Rio Grande do Norte, perto de sua amada. Em seguida, recusando o convite de seu amigo para ir à cidade de São Paulo, por mais que desejasse conhecer aquele lugar. Tamanha foi a insistência que a moça acabou aceitando a proposta de se tornar sua esposa. Pouco após o casamento, Chico Antônio parte com a mulher para dar notícias da união ao pai de criação, seu João. Chegando à morada onde cresceu com o homem e sua família, descobre que todos haviam se mudado para São Paulo. Pega o endereço no intuito de enviar um cartão postal, e o desejo de ir embora volta a perturbar sua mente. De início tenta reprimir tal desejo, mas com o passar dos dias ele passa a brotar de forma tão avassaladora a ponto de não conseguir dissimular que algo o incomodava – primeiro os seus amigos, em seguida a sua esposa, ficam desconfiados. Por não ter a pretensão de levar Isabel consigo, tenta de todas as maneiras tirar a ideia da cabeça. Ainda assim, após passar a noite inteira cantando e tocando ganzá em frente à sua casa, atraindo um público considerável para prestigiar sua apresentação, decide sair como um fugitivo, durante a madrugada, enquanto Isabel – bastante triste, como se pressentisse uma desgraça – dormia desde cedo. Assim, pega um conjunto de roupas que está no varal (fazendo uma trouxa com o vestido da mulher), põe o seu ganzá atravessado por um cordão no peitoral, recolhe todo o dinheiro deles e parte rumo àquela cidade distante que, embora não soubesse onde estava exatamente localizada, parecia chamá-lo. No caminho é exposto a uma série de aventuras que fará com que ele ganhe, inclusive, uma quantia significativa em dinheiro, assim como possibilitará a descoberta – de forma bastante cruel, visto ser ele também egoísta e ambicioso nas escolhas individuais – de parte da vileza humana.

Argumento parecido constitui a primeira parte de **Café**, com a diferença de que o narrador do romance se detém em questões mais específicas. Um personagem que vai passando, por exemplo, sem nenhum aspecto fundamental para a narrativa, é responsável por captar a atenção do narrador e detê-lo em prolixos devaneios – aí, talvez, subsista o desejo de Mário em construir um romance psicológico. As diferenças, portanto, estão no número de personagens – o jovem sírio, Jorge, sequer chega a existir no conto; o passeio que Chico Antônio e seu João dão pela noite de São Paulo é descrito de forma sucinta – o que inviabiliza o brotar de um sem

número de figuras secundárias, que passam pela rua e ajudam a constituir aquele espaço cosmopolita; não há interesse expressivo pelo fazendeiro – empregador dos parentes de seu João – e sua família – como exemplo “As duas irmãs”, que intitulam a segunda parte do livro. Em suma, o conto parece mais focado na figura de Chico Antônio, enquanto **Café** aborda questões mais gerais – como se o desenvolvimento da cidade fosse um tema tão central quanto a vida do coqueiro.

Outro aspecto bastante significativo no conto “Vida do cantador” é o encantamento que a arte de Chico Antônio exerce – desde o deslumbramento que causa no grande público, à calma que transmite aos seres irracionais. Ele se utiliza desta peculiaridade para ganhar a confiança de um cavalo de corrida e, em seguida, domá-lo, na lição de número quatro; assim como, na última lição, acalmar vacas que, após terem perdido um novilho – sacrificado para alimentar os moradores da casa grande –, mugiam em volta da poça de sangue do animal. O fato de Chico Antônio ter conseguido acalmá-las tão somente com o seu canto impressiona a todos, assim como traz alívio ao dono da fazenda e a seus familiares que, desde o sacrifício do animal, se viram perturbados pelo “lamento” das vacas. Conseguindo amainar a “tristeza” dos bichos, pretende levá-los ao prado com a intenção de afastá-los do lugar onde ocorreu o sacrifício. Então “seguiu com eles, mas percebendo que a porteira estava fechada, ordenou irritado: ‘Abram essas porteiras!’” (ANDRADE, 1993, p. 64). Aconteceu, porém, que um rapazola inexperiente, seguindo a ordem às pressas, acabou abrindo acidentalmente a porta da cocheira rica. Num instante súbito, o cantador teve oportunidade apenas de vislumbrar toda a ferocidade do boi zebu, que depositou em seguida um golpe fatal em sua barriga. Quando conseguiram sacrificar a fera “o cantador já estava morto, fazia tempo. Jazia contorcido, uma perna dobrada por baixo da outra, olhos esbugalhados, as mãos engruvinhadas no ventre, como querendo prender as tripas sangrentas.” (ANDRADE, 1993, p. 64). Por Mário não ter conseguido produzir as outras três partes pretendidas do romance **Café**, é impossível que saibamos se Chico Antônio teria um destino parecido na narrativa. Optando por um desfecho trágico, é bem pouco provável, porém, que viesse a perder a vida numa cena correspondente, visto que a segunda parte da narrativa aborda mais de um dia na fazenda Santa Eulália e, no conto, Chico Antônio sofre o ataque no dia mesmo da sua chegada. Isto, é de supor, se deva à brevidade do escrito em questão. Retornando às cenas iniciais de “Vida do cantador”, é curioso observar a quase urgência que o coqueiro sentia em dirigir-se rumo ao desconhecido – tinha mesmo a impressão de que se tratava de uma missão... Com tal desfecho funesto, é como se a morte estivesse a chamá-lo e ele não tivesse maneira de fugir do seu destino – talvez por isso, também, não tenha podido levar Isabel, por algo lhe fazer pressentir que seria uma viagem sem retorno.

A respeito da organização de “Vida do cantador” – que está dividido em

seis partes recebendo, cada uma delas, o nome de “lição” –, é uma característica muito máriodeandradiana mesclar formas artísticas diversas em suas construções, não assumindo, assim, uma posição ortodoxa em relação aos gêneros literários – é desta forma em *Macunaíma*, que, segundo o próprio Mário, se trata de uma rapsódia, como em outras produções literárias de sua autoria. Em prefácio à obra **Vida do cantador**, publicada pela editora Villa Rica no ano de 1993, Raimunda de Brito Batista nos fornece maiores informações em relação às lições do cantador:

O classificar da obra como “lição” nos conduz a indagações voltadas para a fusão dos aspectos ficcionais às reflexões de ordem estética. A lição, de acordo com a liturgia da Igreja Católica, manifesta-se sob a forma de cânticos de louvor aos santos, quando são destacadas as virtudes, para que valham como exemplo. É cantada três vezes ao dia nos conventos; caracteriza, como muitas hagiografias, o perfil sem jaça de uma criatura de dotes excepcionais. A lição, na cultura popular, liga-se ao desafio, quando um dos cantadores, aquele de melhor envergadura, impõe-se ao adversário, obrigando-o à busca de maior precisão no ritmo, nos conceitos, nas imagens, e à maior agilidade nas respostas. A lição, finalmente, é o ensinamento didático que espera ser completado numa execução. (ANDRADE, 1993, p. 26)

Levando em consideração a primeira proposição, temos que Chico Antônio possui um dom que é evidenciado em suas manifestações artísticas. Estas manifestações, além de proporcionarem alegria aos seus iguais, conseguem ainda apaziguar os seres irracionais – lembremos da relação que São Francisco possuía com os animais, por exemplo. Ao levarmos em consideração a proposição seguinte, “A lição, na cultura popular, liga-se ao desafio...” (ANDRADE, 1993, p.26), fica ainda mais evidente, posto que desde as crônicas de **O turista aprendiz**, assim como na primeira lição do próprio escrito ficcional, acompanhamos relatos de desafios desta natureza – como o enfrentamento que Chico Antônio teve com Adilão do Jacaré, quando da decisão de qual cantador era mais apto para dar contribuições a Mário de Andrade em suas investigações sobre a música popular nordestina. Por último temos a lição em seu sentido mais convencional que, embora se aplique perfeitamente à construção analisada, seria óbvio demais que fosse reduzida a este único intento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após publicar a última lição de “Vida do cantador”, em 23 de setembro de 1943, Mário de Andrade continuou divulgando na mesma coluna, “Mundo musical”, do jornal **Folha da Manhã**, informações adicionais tanto sobre o conto, quanto sobre traços específicos do cantador nordestino em geral e de sua cultura. É impossível precisar se pela técnica artística, simpatia, gentileza, aparência física, ou qualquer outro fator por nós desconhecido, mas Chico Antônio passou a representar a figura

do cantador nordestino em diferentes partes (romance, conto, poemas) da obra de Mário de Andrade. Pelo pouco tempo que passaram juntos, seria tendencioso afirmar que o estudioso tenha tido acesso a tantas informações precisas da vida do homem que se converteria, logo adiante, num de seus personagens. Embora afirme ter pretendido conservar a narrativa “o quanto possível livremente, (...) no domínio da ficção”, reconhece, porém, que “ficção nunca significou gratuidade, a não ser para os gratuitos por natureza.” (ANDRADE, 1993, p. 65). Assim, foi sobrepondo traços característicos do “homem” Chico Antônio, com informações colhidas em sua pesquisa etnográfica. Uma dessas informações, atreladas à pouca idade de seu amigo, é a iniciação precoce da vida sexual – teorizada no fragmento “notas sobre o cantador nordestino”, de 13 de janeiro de 1944. Pelas condições de vida, dificuldades de acesso à educação, autonomia social do indivíduo desde muito cedo, entre outros pontos, era comum que a população iniciasse suas práticas sexuais precocemente. No domínio da ficção, este ponto é evidenciado pelo “sucesso” que Chico Antônio fazia com as mulheres, assim como pela liberdade sexual que estas em geral apresentavam – com exceção de Isabel que, “sendo mais protegida que ele, não carinhava sem casar” (ANDRADE, 1933, p. 40). Outro ponto ressaltado diz respeito à humildade e gentileza da população nordestina em geral. No campo da ficção, Mário de Andrade conseguiu retratar tal aspecto na impossibilidade que Chico Antônio sentia em cobrar o moço do Sul por seu serviço, cantar, pelo simples fato de este o ter tratado como um igual – chegando a falar, inclusive, em “faz favor” (ANDRADE, 1993, p. 37), pedido nunca antes direcionado a alguém como ele. Uma mania que Chico Antônio preservava, assim como outros cantadores conhecidos por Mário, era a de cuspir enquanto se apresenta. Embora nos pareça escatológico, o escritor optou por manter este traço também no campo da criação. O improviso, por sua vez, era algo muito próprio da personalidade de Chico Antônio, e este traço já aparecia evidenciado nas crônicas de viagem de **O turista aprendiz** – foi isso, inclusive, que fez com que Mário o escolhesse ao invés de Adilão do Jacaré que, por não demonstrar um caráter inventivo, repetia as músicas assim como foram ensinadas.

Mário de Andrade escreveu ainda duas publicações intituladas “Cantador cachaceiro I e II”. Nelas, o escritor explica que era hábito entre os cantadores consumir bastante aguardente no ato mesmo da apresentação. Ele se mostrou bastante impressionado com o equilíbrio que eles mantinham quando, mesmo rodando incansavelmente durante as performances, conseguiam se manter de pé e dissimular sobriedade. Atentando também para a precocidade em que o álcool passava a ser consumido por esses indivíduos, muitos deles começavam a ingeri-lo ainda na infância. Dedicou um escrito falando apenas sobre o “canto do cantador”. Para ele era notável que, mesmo se apresentando em locais adversos, conseguissem

executar uma apresentação tão satisfatória e, no caso específico de Chico Antônio, mantivesse tão bonito timbre de voz. Em crônica publicada n'**O turista aprendiz**, Mário chegou a afirmar que Chico Antônio, embora desconhecesse, valia por uma dúzia de Carusos. Também nos escritos ficcionais ressaltou a qualidade vocal de seu personagem, qualidade esta que serve algumas vezes, no plano ficcional, como encantamento. Por fim, em 5 de março de 1944, publicou no jornal **Correio da Manhã**, um escrito intitulado “Chico Antônio”. Nele, relata um diálogo que manteve com o cantador sobre um possível desafio que este lhe afirmara ter vencido o diabo. No escrito, torna a ressaltar a beleza física do amigo e o sucesso que este fazia com as mulheres – mesmo após oito anos de casado. Tal sucesso fez com que ele “raptasse” uma mocinha da região e fugisse com ela. Não podemos precisar se tal diálogo realmente ocorreu entre os dois, ou se estamos diante de mais uma das várias criações ficcionais de Mário de Andrade.

No mais, voltamos aqui nossa atenção para a figura de Chico Antônio visto, a partir de um súbito encontro, Mário ter criado um personagem significativo que apareceu em diversas fases de seu processo de criação literária.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1974.
- _____. **Café: romance inédito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- _____. **Mário de Andrade – Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- _____. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Edart, 1971.
- _____. **Namoros com a medicina**. São Paulo: Martins / Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- _____. **Obra imatura**. São Paulo: Martins / Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- _____. **O empalhador de passarinho**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- _____. **Os contos de Belazarte**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Villa Rica, 1992.
- _____. **O turista aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- _____. **Vida do cantador**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica, 1993.
- _____. **Vida literária**. (Pesquisa, intr. e notas de Sonia Sachs). São Paulo: Hucitec / EDUSP, 1993.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 2, 6, 43, 158, 160, 213, 223, 225

C

Cinema 43, 44, 49, 52, 62, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222

Conto 24, 25, 28, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Coral 31, 130, 131, 160, 176, 201, 205, 206

D

Discurso 9, 20, 40, 44, 47, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 90, 95, 99, 105, 106, 107, 108, 129, 135, 136, 140, 157, 161, 207

E

Empoderamento 14, 15, 26, 27

Estado novo 129

Etnografia 8, 111, 113, 121

I

Identidade 1, 10, 13, 18, 24, 25, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 77, 84, 90, 105, 106, 214, 228, 233, 238

Imigração 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61

K

KPOP 233

L

Letras 2, 49, 50, 75, 76, 91, 100, 120, 121, 132, 135, 141, 158, 208, 223, 224, 226, 228, 233, 238

Linguística 2, 9, 79, 88, 158, 183, 192, 210, 235, 238

Literatura 1, 2, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 24, 26, 27, 28, 29, 39, 40, 42, 43, 44, 49, 50, 53, 63, 67, 68, 75, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 109, 110, 112, 113, 114, 176, 211, 212, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 227, 231, 238

M

Mito 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110

Modelo Bennett 233, 235, 236

Mulheres 14, 15, 17, 18, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 35, 38, 39, 93, 103, 126, 136, 137, 225, 227, 229, 230, 231

Música 9, 37, 42, 43, 46, 49, 130, 131, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 174, 175, 176, 180, 182, 201, 202, 203, 205, 206, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236

Musicoterapia 211, 212, 213, 215, 216, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232

N

Neurociência 185

P

Perspectivas 2, 26, 43, 70, 160

Piano 160, 161, 162, 164, 166, 170, 171, 173, 175

Poesia 1, 7, 9, 10, 11, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 83, 87, 89, 90, 103, 109, 110, 114, 115, 117, 121

Poéticas 1, 13, 77, 80, 86

R

Romances 14, 59, 92, 95, 99

S

Saberes científicos 2

Sala de aula 40, 41, 44, 49, 208

Samba 4, 5, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 149, 150, 151, 152

Semiótica 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 92, 102

T

Teoria da inteligência multifocal 176, 178, 180, 192, 193, 200, 205, 206

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2020